

**FEDERAÇÃO NACIONAL DE KARATE – PORTUGAL  
SECTOR TÉCNICO – DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE TREINADORES**

**SOCIOLOGIA DO DESPORTO**

**ARMANDO INOCENTES**

# ÍNDICE

1 – Ética e relação pedagógica	3
1.1 – Introdução	3
1.2 – Motivos de reflexão	4
1.3 – O que nos diz a investigação científica?	5
1.4 – Definição de conceitos	7
1.5 – A ética no karaté	8
1.6 – Conclusão	9
1.7 – Bibliografia	10
2 – As perversidades no e do desporto	11
2.1 – A bivalência do desporto	11
2.2 – As mortes no estádio	11
2.3 – As lesões permanentes	14
2.4 – O doping	15
2.5 – A corrupção	16
2.6 – A fraude	17
2.7 – A violência	18
2.8 – Referências bibliográficas	18
3 – A violência na prática desportiva	19
3.1 – Introdução	19
3.2 – O problema	19
3.3 – Uma revisão bibliográfica	20
3.4 – Conclusão	23
4 – Casos exemplares no desporto	24

# 1 – ÉTICA E RELAÇÃO PEDAGÓGICA

## 1.1 – INTRODUÇÃO

O desporto actual, e essencialmente o espectáculo desportivo, tanto nos apresenta as virtudes do desporto como as perversidades nele existentes, possuindo assim um carácter bivalente (Adorno, 1963; Parlebas, 1969; Villiaumey, 1987; Lassalle, 1997; Bento, 1999). Se as primeiras são encaradas como valores, as segundas terão de ser consideradas como contra-valores e, como tal, obstáculos à promoção dos primeiros (Pereira, 1997).

Vulgarizaram-se os termos “fair-play” e “espírito desportivo”, invocando-se muitas vezes a ética do Professor e a ética do Treinador, olvidando-se no entanto o acto pedagógico de ambos... Não será a pedagogia, ela própria, uma ética?

Os principais agentes – educativos e formadores – intervenientes no sistema desportivo, Treinadores e Professores de Educação Física, estabelecem uma relação pedagógica – baseada numa ética e numa deontologia – com os seus alunos e/ou atletas, relação essa influenciada por três variáveis que interagem entre si e que determinam, segundo Barbosa (1997), as competências destes profissionais: a educação, a cultura e a formação.



Como refere Patrício (1993), a educação é, intrinsecamente, uma relação com os valores, sendo aprendida e vivida como um valor.

O respeito dos valores humanos, dos valores éticos, dos valores sociais e culturais que estão implícitos numa prática desportiva ao serviço do cidadão (Teotónio Lima, 2000) por parte não só de Treinadores, mas também de Professores, para além de dignificarem os mesmos, irão contribuir para uma formação desportiva verdadeiramente axiológica.

Tanto os Treinadores, como os Professores de Educação Física, deverão dominar as componentes técnica, teórica e prática, das diferentes modalidades, como deverão estar aptos não só a transmitir conhecimentos mas também a “fornecer à criança o máximo de esquemas de comportamento” (Lagrange, 1977), ajudando-a na descoberta da sua associação, de modo a permitir que ela possa aplicá-los o melhor possível perante novas situações, até porque “a aprendizagem implica uma modificação de comportamento, ou melhor, a aquisição de novos comportamentos. Não podemos afirmar que se aprendeu algo enquanto concretamente o comportamento se não modificou ou se não enriqueceu de novos elementos” (Paula Brito, 1976), o que de facto é o âmago da formação... e que nos conduz a uma formação interagindo intrinsecamente com uma pedagogia ética.

Por outro lado, e tendo em conta todo o meio ambiente específico – cultural e social – onde se desenvolve a actividade destes profissionais, teremos de considerar que a moral é a “*incarnação da ética na cultura*” (D’Orey da Cunha, 1996).

Assim, o triângulo anterior pode dar origem a um outro, de vértices coincidentes e geometrização semelhante, mas possuindo variáveis diferentes (Barbosa, 2002), e que, na sequência do acima exposto, nos permitimos apresentar do seguinte modo:



E se o fim da educação já não é dar uma cultura, mas sim uma formação (Lagrange, 1977), as finalidades da Educação Física e do Desporto terão de regressar às suas origens – a formação do carácter balizada por padrões morais (Arnold, 1997; Clifford & Feezel, 1997; Jackson, 1999), a transmissão de valores (Sanmartín, 1995; Seara, 1995; Graça, 1997; Correia, 1997; Bento, 1999) e uma formação verdadeiramente ética (Beresford, 1994; McNamee, 1998).

## 1.2 - MOTIVOS DE REFLEXÃO

É apresentado por Clayes (1987) um estudo em que 426 jovens responderam à pergunta «alguém já lhes disse para ser agressivo com o adversário? Quem?». “*Um quarto dos rapazes afirma e indica o treinador e esporadicamente o pai. Uma em cada dez raparigas afirma e indica exclusivamente o treinador*” (id.).

Terry & Jackson (1985) apontam um estudo de Smith (1979) que indica que 52% de jogadores de hóquei no gelo com idades compreendidas entre os 18 e os 21 anos percebem os seus treinadores como bastante aprovadores de comportamentos violentos, referindo que um outro estudo também de Smith (1977) demonstrou que quanto mais os treinadores aprovam a violência, tanto mais os seus jogadores praticam actos violentos.

Ainda há poucos anos o treinador do Charlton Athletic, Alan Curbinsley, afirmava que determinado jogador seu teria o lugar na equipa “*em perigo se ele não aprender a ser mais agressivo*”, salientando acerca desse jogador que “*se ele quiser recuperar o lugar na equipa, tem de ser mais duro em campo*” (Vago, 1999) – referindo-se, por sinal, a um jogador português.

E se continuarmos a não perceber que adversário não é sinónimo de inimigo nem competição é sinónimo de guerra, pois até já se afirma que determinado jogador brilhante, “*mostrou um ‘killer instinct’ notável*” (Ferreira, 1999), que no andebol “*temos de jogar sempre com a mentalidade assassina*”<sup>1</sup>, que “*no futebol quem não mata morre*” (Rias, 1999) e no críquete “*ou ganhamos...ou morremos!*” (Pereira, 1999), então “*esse desporto educativo, praticado por pessoas que não procuram senão a saúde, a camaradagem, a beleza, a paz, esse desporto não existe mais, pelo menos na nossa sociedade, na nossa «civilização»*” (Paula Brito, 1983).

<sup>1</sup> “Expectativas de Zupo face aos adversários – Mentalidade Assassina”, A Bola, Lisboa, 02.05.1999, p. 41.

### 1.3 - O QUE NOS DIZ A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA?

Um estudo conduzido por Irlinger (1993) concluiu que: a dopagem é desaprovada por 80,4% dos jovens e aprovada por 6,4%; a violência dos desportistas é condenada por 62,1%, percebida como inevitável por 19,9% e admitida por 8,6% como fazendo parte do desporto; a violência dos espectadores é rejeitada por 36,4%, desaprovada por 48,9% e admitida como uma dimensão própria do desporto por 4,3%; finalmente, os ganhos dos campeões são condenados por 38,8%, tolerados por 18,9% e aprovados por 25,4% dos jovens. Comparando não-praticantes desportivos e praticantes, 8,2% dos primeiros aprovam a dopagem contra 7% dos segundos, enquanto 5,9% dos não-praticantes aprova a violência dos espectadores contra 4,5% dos praticantes, sendo os valores em relação à violência dos desportistas e aos seus ganhos bastante próximos.

Em Portugal, estudos sobre o espírito desportivo têm sido essencialmente realizados por Gonçalves (1988; 1990; 1998), ressaltando dos mesmos que apesar dos jovens aderirem ideologicamente ao espírito desportivo, na prática não lhe são fiéis.

Numa revisão da literatura efectuada por Gonçalves, Carreiro da Costa & Piéron (1998), estes autores concluíram que:

1. com o aumento da idade, da experiência de anos de prática do desporto e do nível de competição, os comportamentos agressivos são mais aceites e tolerados pelos praticantes;
2. a apropriação e assunção de valores morais é menor entre os praticantes desportivos do que entre os não praticantes;
3. “ganhar a qualquer preço” é mais referido como importante pelos praticantes de desporto de competição do que pelos praticantes de desporto de recreação;
4. os comportamentos agressivos e as atitudes condenáveis são mais frequentes nos rapazes que nas raparigas.

Num estudo realizado pelos mesmos autores, analisando os valores de praticantes e não-praticantes de actividades desportivas, verificaram que os primeiros são os que mais concordam:

1. com a ideia de que é correcto protestar contra as decisões dos árbitros, pois acreditam que os erros que estes cometem não são acidentais nem inerentes à condição humana, mas sim decisões intencionais para provocar prejuízo;
2. que fazer “batota” é aceitável desde que o árbitro não veja;
3. que é preferível ganhar, mesmo utilizando meios ilícitos, do que perder respeitando os princípios do “fair-play”.

Correia (1997) ao pretender determinar o sistema de valores subjacente ao comportamento de praticantes desportivos conclui que o Desporto é essencialmente prazer (42%), superação (38%), reconhecimento social (33%), harmonia (31%), saber (29%) e inserção num grupo (25%). Nos modos de conduta, os valores primordiais são o respeito (26%), a lealdade (13%) e o espírito de equipa (10%).

Tentando quantificar empiricamente o desenvolvimento moral dos praticantes desportivos, Bredemeier e seus colaboradores, chegaram às seguintes conclusões:

1. a alta correlação entre as tendências de agressão nos rapazes e a participação em desportos de elevado contacto com a razão moral sugere que os julgamentos acerca da legitimidade de actos desportivos potencialmente injuriosos são julgamentos morais e devem ser investigados como tal (Bredemeier, Cooper, Shields & Weiss, 1987);
2. os desportos que são tipificados como agressivos tem tendência para atrair participantes com baixos níveis de razão moral e/ou inibição do crescimento moral e/ou encorajamento defensivo de padrões de razão (Bredemeier & Shields, 1986).

A investigação em Pedagogia do Desporto tem sido influenciada teórica e epistemologicamente, pelos modelos de investigação no sistema educativo, transpostos e implementados para o âmbito da actividade física.

Deste modo, onde especialmente se analisa e estuda o Professor de Educação Física analisa-se e estuda-se o Treinador (Torres Tobio, 1998), confluindo esta afirmação no facto de

simultaneamente se estudarem ambos quando o Professor de Educação Física também é ao mesmo tempo Treinador.

Tal como no ensino, no processo de treino a actividade pedagógica do treinador resulta da interacção entre o processo do pensamento e as acções do treinador (Mendes dos Santos, 1998).

E se *“promover a qualidade do ensino é um problema ético e moral”* (Carreiro da Costa, 1996), a actividade docente implica uma pedagogia aliada a uma ética e a uma moral.

De acordo com Shulman (1986), o ensino é um processo cognitivo complexo sendo uma arte emergente do confronto da regra com o particular da situação, e à semelhança do professor, tem de se perspectivar o treinador concebendo-o como um indivíduo que reflecte, decide e ajuíza, possuindo crenças e atitudes particulares. E se *“as nossas atitudes permitem-nos comunicar os nossos valores”* (Leyens & Yzerbit, 1999) elas também *“permitem o exercício de uma forma de influência mais aceitável do que o constrangimento físico”* (id.).

No que se refere aos professores, ao seu pensamento e à sua acção, De Landsheere (1978), equacionando a mudança de valores de uma geração para outra, afirma que *“para os docentes contemporâneos que se esforçam por adaptar-se aos novos valores, aderindo ainda aos valores do passado, a situação torna-se cada vez mais aflitiva e ansiogénica. Apesar da sua juventude, os alunos-professores nem sempre escapam a essa dificuldade, longe disso, pois eles fazem evidentemente parte da juventude e partilham portanto mais ou menos – senão totalmente – das suas aspirações dominantes, e tendem contudo a reproduzir comportamentos de ensino que têm profundamente fixados da época dos seus estudos primários e secundários, e que estão frequentemente em contradição com os seus valores actuais”*.

Podendo-se definir valor como *“a tendência para se preferir um certo estado de coisas face a outro”* (Hofstede, 1997), Gutiérrez Sanmartín (1995) apresenta para este conceito as posições de Rokeach (1973) – o qual faz uma distinção entre valores finais (os que dizem respeito aos objectivos últimos da vida) e valores instrumentais (os que dizem respeito aos modos de conduta), e de Schwartz & Bilski (1987) – para quem os valores são *“crenças sobre os estados finais ou condutas desejáveis que transcendem as situações concretas, guiam a selecção ou avaliação da conduta e dos acontecimentos, estando ordenados pela sua importância relativa”*.

Sobre a influência que o Professor exerce sobre os alunos, nomeadamente no que respeita à transmissão de valores, teremos de ter em conta a opinião de J. Jaurés, citado por Mialaret (1992), defendendo que *“não se ensina o que se sabe ou se julga saber; ensina-se o que se é”*.

Nesta linha, para Mauco (1977) *“o educador age não somente por aquilo que diz e faz, mas mais ainda por aquilo que é”*, salientando que *“qualquer método pedagógico vale o que valer aquele que o aplica”* (id.).

Também Meng (1977) afirma que *“é do professor, da sua mentalidade e da sua preparação que dependerá o ensino, e não do aluno”*.

E se *“a violência se aprende, também a contra-violência se ensina. No fundo são as noções de «meio educativo» e da função do próprio educador que estão em causa. Em relação ao desporto e à educação desportiva esta perspectiva é particularmente importante na medida em que ela constitui um dos factores decisivos para justificar o carácter educativo do desporto quando utilizado pelo educador”* (Melo de Carvalho, 1985).

Deveremos ainda ter em conta que as funções do Professor de Educação Física e do Treinador se encontram imbuídas de poder – capacidade de exercer um domínio sobre algo ou alguém em determinado campo ou relação – e de autoridade – a possibilidade que advém do poder de realizar esse domínio, a qual é reconhecida (legítima), aceite e respeitada (obedecida) (Inocentes, 1999; Maya, 2000).

Enquanto líder, o Professor de Educação Física, tal como o Treinador, sendo interveniente na prática desportiva, possui poder porque interage (estabelece uma relação e exerce influência) com os seus alunos ou atletas, com situações e com o meio envolvente, sendo também dotado de autoridade em virtude de exercer um poder legítimo, que aceita ao assumir as suas funções, implicando agir em conformidade com as concepções e os valores a serem acatados pelos seus subordinados (Inocentes, 1999).

Os Professores de Educação Física e os Treinadores encontram-se numa posição chave para lançar os fundamentos de atitudes positivas no desporto (Abdal-Haqq, 1989).

E não nos poderemos, acima de tudo, esquecer que “*os professores são sempre modelos*” (D’Orey da Cunha, 1996; Daniel Sampaio, 1997; Zabalza Beraza, 2000).

E se os valores influenciam os próprios conceitos (Myers, 1999), no plano individual o sistema de valores orienta e condiciona as atitudes e os comportamentos dos praticantes desportivos (Correia, 1997).

Os valores, segundo Bolívar (1998), que actuam como grandes marcas preferenciais de orientação do sujeito no mundo e na sua relação com os demais, podem ter uma fundamentação e uma origem subjectiva (afectivo-emocional – são comparáveis neste caso a atitudes), social (modos de comportamento social ou culturalmente estabelecidos), ou, num estágio superior, transcender condicionamentos, para se configurarem em projectos ideais de vida ou princípios morais.

A ética, conforme nos diz igualmente Bolívar (id.), pretenderia, como objectivo ideal, proporcionar instrumentos e chaves relevantes para reconstruir critérios próprios e discernir, entre múltiplas mensagens, valores ou atitudes em que está envolto o jovem, com a pretensão de contribuir para a formação de cidadão com um grau aceitável de autonomia e maturidade moral.

No entanto é necessário conhecermos o papel dos Professores (as suas atitudes e comportamentos), na possível transmissão de contra-valores – a violência, a corrupção, a fraude, a dopagem – na prática desportiva dos seus alunos e até na sua formação, dado que “*não há nada que esteja livre de valores, quer na formação de professores, quer na educação de crianças*” (Spodeck, apud Zeichner, 1983, citado por Carreiro da Costa: 1999), sendo o estudo dos valores por parte dos professores necessário e indispensável (Patrício, 1993).

Os valores estão implicados na educação não tanto como metas ou produtos finais mas mais como princípios implícitos nas distintas formas de proceder e de fazer (Bolívar, 1998).

Não deverão os Professores responder à interrogação de Araújo (1995), sobre se não será necessária a “informação e o esclarecimento da juventude sobre tudo o que diga respeito à prevenção da violência e à divulgação da ética e do espírito desportivo?”...

Não queremos deixar passar a oportunidade de equacionar aqui o facto de qualquer actividade desportiva se reger por normas e regras que tanto alunos/atletas como Professores/Treinadores sabem ter de cumprir para se garantirem não só a igualdade de oportunidades, mas também a equidade, a honestidade e o respeito quando e enquanto procuram atingir determinadas finalidades em competição – obter a vitória.

Isto porque, conforme referem Quivy & Campenhoudt (1992), embora inserido num outro contexto, “*o comportamento racional em relação aos valores é aquele que cumpre o conjunto das normas e das regras do sistema, porque o actor considera que respeitá-las constitui a melhor estratégia a seguir para ser bem sucedido. O comportamento racional em relação às finalidades é o do indivíduo que calcula de forma selectiva o interesse que tem em se submeter à regra ou se desviar dela. Neste caso, o comportamento racional baseia-se em critérios de racionalidade que é preciso descobrir*”.

Mostra-se assim relevante descobrir os critérios de racionalidade que levam – ou não levam – Professores de Educação Física ou Treinadores a incitarem os seus alunos ou atletas à violência, assim como os critérios de racionalidade que levam esses alunos ou atletas a recorrerem a essa violência na prática desportiva.

#### 1.4 - DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

“A pergunta «o que é a ética?» está para além da capacidade humana de resposta; «ética» é apenas um rótulo. A questão crítica é «como é que deverá o termo ‘ética’ ser usado?». A melhor resposta é provavelmente que deverá ser evitado a todo o custo, uma vez que está irremediavelmente corrupta.” (Meehan, 1998).

No entanto, consideramos a Ética Desportiva como um conjunto de comportamentos reais e seu ajuizamento de aprovação ou desaprovação acerca do bom/mau, correcto/incorrecto ou válido/condenável que reflecte o “*pluralismo de factores, de princípios e de valores morais e sociais que animam a(s) prática(s) desportiva(s)*”, importando ter em conta que “*a actividade desportiva adquire a dimensão ética não nela própria, mas sim no contexto dos valores éticos cultivados no terreno em que desponta*” (Bento, 1995).

Segundo Beresford (1994), a moral é o facto – corresponde ao conjunto de normas e condutas de uma determinada comunidade – e a ética é o conceito – deseja e descreve os meios de alcançar a justiça e a harmonia, reflectindo acerca dessa moral.

## 1.5 - A ÉTICA NO KARATE

Como deve ser assumido o Desporto? “*O desporto deve ser assumido com paixão, mas com carácter. Com prazer, mas sem violência. Com vontade, mas sem ostentação. Com energia, mas sem inveja. Com audácia mas sem impaciência*” (Seara, 1995).

Por isso mesmo, o CÓDIGO ÉTICO DO KARATÉ assenta nos seguintes princípios:

**HONRA – MEIYO**

**LEALDADE – CHUJITSU**

**SINCERIDADE – SEIJITSU**

**CORAGEM – YUUKI**

**BONDADE E BENEVOLÊNCIA – SHINSETSU**

**MODÉSTIA E HUMILDADE – KEN**

**JUSTIÇA – TADASHI**

**RESPEITO – SONCHOO**

**AUTO-CONTROLO – SEIGO**

A sigmóide apresenta-nos o sucesso ao longo do tempo de qualquer organização ou até de qualquer actividade humana. Os diferentes paradigmas por que passou o Karaté ao longo dos tempos encontram-se abaixo representados, sendo fácil constatar que a Ética (proveniente do Bushido) sempre esteve presente em todos eles.

Vejamos o Quadro 1 da página seguinte.

Estará no Olimpismo o novo paradigma?

E continuarão os valores a estar presentes nesta modalidade desportiva, que transitou de uma arte marcial para um desporto de combate?

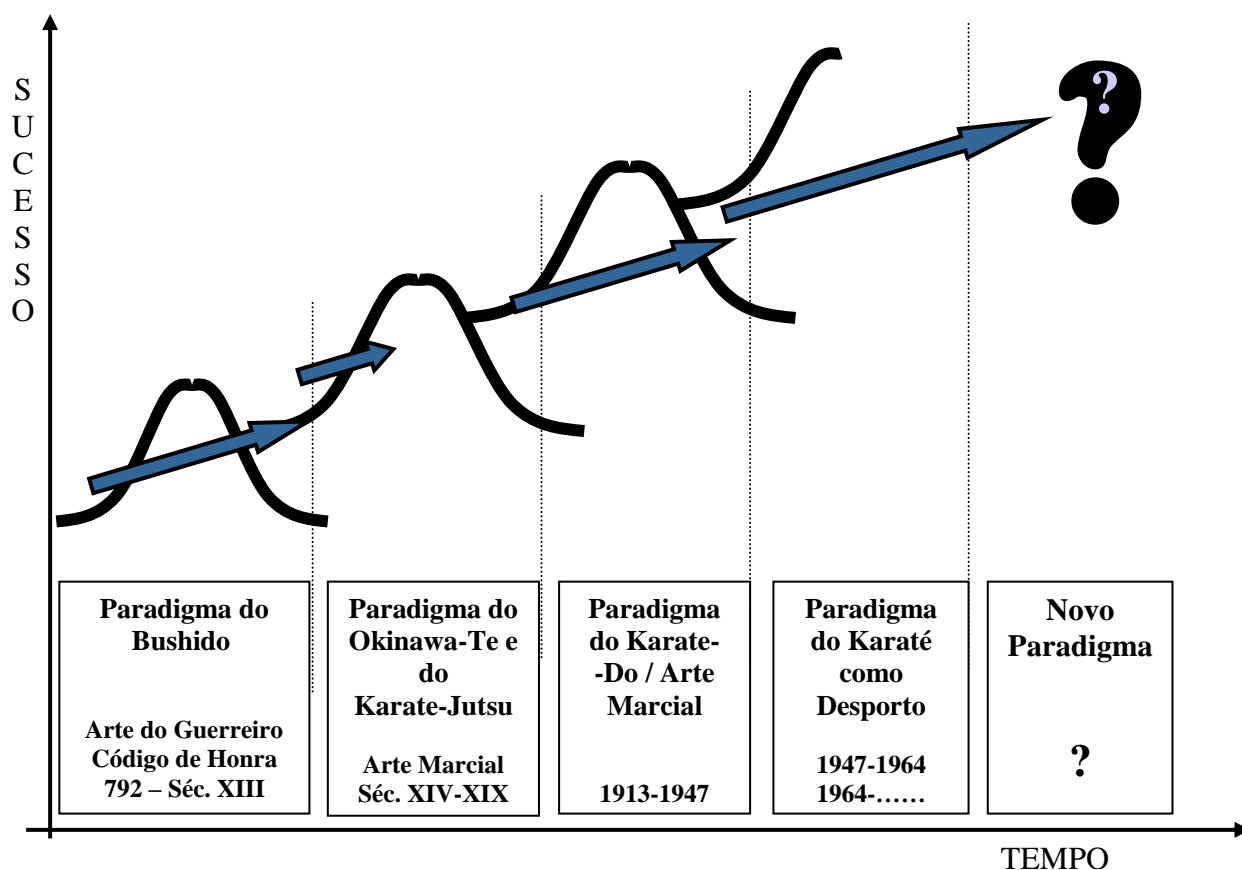
Vejamos agora pelo Quadro 2, o que se verifica no Karaté quando consideramos o mesmo um desporto ou quando o encaramos como uma prática desportiva.

E são precisamente estes dois aspectos – desporto e prática desportiva – que o treinador tem de encarar perante os seus atletas, pois os fins últimos são diferentes, assim como diferentes são os meios de treino.

O treinador tem um papel importantíssimo na transmissão de valores e na formação da personalidade dos sus atletas, até porque **competição não é sinónimo de guerra nem adversário significa o mesmo que inimigo**.

Quando se deixa de praticar desporto por simples ocupação do tempo, para se ser integrado numa extensa engrenagem, que exige, que pressiona, que impõe como objectivo atingir o melhor resultado, o treinador tem a sua tarefa acrescida já que, educando e formando seres humanos (e o **homem vem sempre antes do atleta**), deve desempenhar funções **pedagogicamente eficazes!** ....





QUADRO 1 – A SIGMÓIDE NO KARATÉ



QUADRO 2 – A PRÁTICA E A COMPETIÇÃO NO KARATÉ DESPORTIVO

## 1.6 - CONCLUSÃO

Nosanchuck (1981), Trulson (1986) e Wacquant (1995), estudando praticantes de Taekwondo, Karaté e Boxe concluíram que a participação em desportos de combate pode ajudar os indivíduos a controlarem a sua agressividade.

Mas este controle depende das condições sob as quais decorre essa prática desportiva.

Os resultados só são visíveis quando o treino promove valores (auto-controle, perseverança, responsabilidade, honra) e é associado a uma auto-reflexão combinada com noções filosóficas.

Demonstra-se assim a importância da ética na prática desportiva.

É a partir dos novos desafios, no campo da educação e do ensino, assim como no campo desportivo, postos aos actuais Treinadores que *“se deve novamente repor a pergunta a respeito dos fins últimos que dão sentido à sua existência e à sua acção enquanto tal, tanto em sua dimensão individual, quanto colectiva”* (Oliveira, 2000).

Igualmente a desaprovação dos comportamentos de violência na prática desportiva porque nada têm a ver com o desporto, mesmo que sejam inevitáveis, mostra que, existindo um acto de transferência de uma escala de valores na actividade profissional do treinador, esta se encontra imbuída de princípios éticos na relação pedagógica estabelecida com os alunos (Beresford, 1994).

## 1.7 - BIBLIOGRAFIA<sup>2</sup>

- ARNOLD, Peter J., 1997, **“Sport, Ethics and Education”**, Londres, Cassell Education.
- BARBOSA, Luís, 1997, **“Pensar a Escola e seus Actores”**, Mem Martins, Associação de Professores de Sintra.
- BARBOSA, Luís, 2002, **“Ensaio Sobre o Desenvolvimento Humano”**, Lisboa, Instituto Piaget.
- CORREIA, Abel L., 1997, **“Os valores na Educação Física”**, in M. Patrício (Org.), **“A Escola Cultural e os Valores”**, pp. 251-257, Porto, Porto Editora.
- D’OREY DA CUNHA, Pedro, 1996, **“Ética e Educação”**, Lisboa, Universidade Católica Editora.
- GRAÇA, Amândio S., 1997, **“Praticante desportivo e valores (estudo exploratório do sistema de valores de praticantes)”**, in M. Patrício (Org.), **“A Escola Cultural e os Valores”**, pp. 341-352, Porto, Porto Editora.
- McNAMEE, Mike, 1998, **“Celebrating trust: virtues and rules in the ethical conduct of sports coaches”**, in M. J. McNamee & S. J. Parry (Eds.), **“Ethics & Sport”**, pp. 148-168, London, E & F Spon Routledge.
- MEEHAN, Eugene J., 1998, **“Ethics and self-government”**, in J. L. Alves, (Coord.) **“Ética e o Futuro da Democracia”**, pp. 249- 258, Lisboa, Edições Colibri / S. P. F..
- OLIVEIRA, Manfredo A., 2000, **“Correntes Fundamentais da Ética Contemporânea”**, Petrópolis, Editora Vozes.
- SEARA, Fernando R., 1995, **“Memórias de um Espectador Atento”**, Lisboa, SPB Editores & Livreiros.

---

<sup>2</sup> Todas as referências bibliográficas citadas no texto, não apresentadas na Bibliografia, encontram-se em Inocentes, Armando, 2002, **“A Violência na Prática Desportiva Infanto-Juvenil – percepções e atitudes do corpo docente de Educação Física perante comportamentos de violência em alunos nas Escolas dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico”**, Dissertação de Mestrado, Cruz Quebrada, FMH-UTL, obra que poderá ser consultada na Biblioteca Nacional, na Biblioteca da Faculdade de Motricidade Humana, na Cruz Quebrada, assim como na Biblioteca do Centro de Estudos e Formação Desportiva - IND, na Lapa, ou na Biblioteca do Instituto Piaget, em Almada.

## 2 – AS PERVERSIDADES NO E DO DESPORTO

### 2.1 - A BIVALÊNCIA DO DESPORTO

Os anos de 2004 e 2005 são definitivamente consagrados ao desporto. O primeiro foi eleito o Ano Europeu para a Educação pelo Desporto, enquanto o presente ano é considerado o Ano Internacional do Desporto e da Educação Física – o que nos leva a crer que o Parlamento Europeu e a Organização das Nações Unidas se encontram atentas a uma actividade que poderá fomentar princípios e valores e ao redor da qual se movimentam grandes quantias monetárias.

Altura ideal para após um, e no início de outro, reflectirem sobre o que é de facto o desporto, e essencialmente sobre o que tem sido o desporto. Não só o desporto espectáculo ou de alto rendimento, não só o desporto visível através da televisão, mas também o desporto no campo educativo e formativo, até porque aquilo que de mau é visível no desporto adulto começa a transparecer cada vez mais no desporto infanto-juvenil.

O carácter bivalente do desporto faz com que, obrigatoriamente, e principalmente quando trabalhamos com crianças, nos tenhamos de situar entre Pierre de Coubertin – *“Não interessa ganhar ou perder, o que interessa é participar!”* – e Vince Lombardi – *“Ganhar não é o mais importante, é a única coisa que importa!”* –.

Mas o que dizer de um desporto onde encontramos uma halterofilista, Tyanna Madsen, apenas com 6 anos e 28 quilos de peso, com um recorde no levantamento de 46 Kgs? Ou o que dizer de um desporto onde encontramos uma maratonista, Mary-Etta Boitiano, também com 6 anos de idade, que percorre os 42 kms e alguns metros em 4.30h (Personne, 1987)?

Como afirma Manuel Sérgio, *“chegou a hora de pôr em causa, a todos os níveis, o desporto inteiramente submetido ao império da competição, da medida, do rendimento e do recorde”* (Sérgio, 2003). E não só o desporto federado mas também o desporto escolar e o desporto amador.

*“No desporto tanto se podem realizar valores de sinal positivo como valores de sinal negativo”* (Bento, 1999).

Não nos podemos esquecer que o termo desporto tem a sua raiz no étimo latino *«deportare»*, que significa distrair-se, divertir-se...

A evolução deste termo origina a palavra *«desport»*, que mais tarde derivará para *«sport»*.

Entre 1850 e 1914 o objectivo principal do desporto era a moral e a educação. A seguir à primeira grande guerra mundial começa a emergir o objectivo espectáculo.

A partir da década de 80 o desporto começa a ser mais uma indústria geradora de comércio e de comunicação, onde todas as situações, desde as mais exemplares às mais ignóbeis, parecem estar presentes e onde a vitória e a acumulação de riqueza têm um importante papel.

O carácter bivalente do desporto faz com o desporto actual nos apresente assim tanto as suas virtudes e os seus valores como as suas perversidades: as mortes durante a prática, as lesões permanentes, a dopagem, a corrupção, a fraude e a violência.

No campo da investigação desportiva estudam-se parâmetros biomecânicos, anatomo-fisiológicos, psicológicos, técnicos... e o que é feito da sociomotricidade? E dos planos afectivo e relacional?...

Torna-se mais notório investigar as virtudes e os valores do desporto (aquilo a que, axiologicamente, é comum chamarmos espírito desportivo, fair-play, ou ainda ética ou moral) do que as suas perversidades, esquecendo-nos que *“o desporto, considerado como um fenómeno cultural, está longe de ser moralmente inocente”* (Tannsjo & Tamburrini, 2000).

### 2.2 - AS MORTES NO ESTÁDIO

Alexandra Huci, romena, ginasta de 12 anos, campeã nacional, era uma das esperanças olímpicas do seu país. Infelizmente falece a 20 de Agosto de 2001 em Timisoara, devido a um

aneurisma cerebral que se rompeu devido a esforço excessivo ocorrido durante uma sessão de treinos.

Michael Milon, francês, praticante de Karaté, especialista em Kata, três vezes campeão do mundo, quatro vezes campeão da Europa individual e seis vezes por equipa, vencedor de três taças do mundo, falece aos 30 anos, em 2002, vítima de paragem cardíaca, em Paris.

O que há de semelhante entre estes dois casos e aquele que ocorreu recentemente num relvado entre nós e repetido na Suécia em menos de 24 horas? A resposta só poderá ser uma: a finitude da vida. Ambos aqueles nos passaram despercebidos, pois não foram mediatizados. No entanto, ambos dignos de realce: o primeiro pela idade da criança-atleta e pelo seu palmarés desportivo, o segundo.

Mas quando assistimos, através dessa caixa de imagens que modifica as nossas vidas, ao terminus da vida de um atleta com 24 anos, somos confrontados durante três dias com essas imagens... porque nos toca, porque em directo, porque no nosso país...

Passado o choque, passada a incredulidade – os atletas, de facto, não são Deuses do Olimpo, mas simples mortais – convém reflectir não sobre o que se passou, mas sim sobre aquilo que se tem passado; não sobre aquilo que se disse, embora por vezes toldado pelo sentimento, mas sobre o que se deveria ter dito; não sobre se algo se irá modificar, mas sobre o que poderá mudar.

Isto porque, a morte de desportistas durante a competição ou durante o treino – ou subsequente a ambos e devida a factos neles ocorridos – acontece mais vezes do que pensamos ou do que somos informados.

O primeiro caso mais mediatizado em Portugal – embora não o primeiro a ocorrer em pleno relvado – remonta a 1973 com a morte em pleno jogo de Pavão, do F. C. Do Porto.

**Mas a maioria de nós ignora que pelo menos desde esse ano e até 2004 (e são só os casos que conhecemos), já constatámos pelo menos 21 vezes a finitude da vida nas mesmas condições no nosso país! Futebol (15), basquetebol (3) e ciclismo (3) foram as modalidades atingidas. O camisola 29, Fehér, foi, infelizmente, o 22º...**

Por isso mesmo, pensamos serem supérfluas as teclas em que tanto se bateu e se o acontecido iria servir para alterar algo no desporto... o que factos posteriores vieram a confirmar...

Importante será uma formação (verdadeiramente pedagógica) em que antes do atleta, antes do treinador e antes do dirigente esteja o HOMEM (ser humano que se rege por padrões éticos, morais e civilizacionais).

Importante seria conhecer as origens das causas da morte.

Importante seria não ter voltado a acontecer.

Mas tal como nos ficámos pelas inconclusividades anteriores, tal como ainda hoje somos portadores do desconhecimento das origens das causas das outras mortes, vamos continuar cépticos sobre futuros meios para prevenir situações destas, sobre o apuramento de possíveis responsabilidades e sobre alguma ou algumas modificações ou mudanças no desporto. O desporto, nomeadamente o profissional, e apesar de assistir a estas trágicas vicissitudes, continuará a seguir o seu rumo, na mesma continuidade... Até porque vimos um conhecido jornalista da nossa televisão escrever que *“não vale a pena levantar suspeitas sobre o futebol. Pavão e Fehér são os dois únicos casos conhecidos em muitos anos de futebol de mortes no estádio. Não há registo de outros casos”*<sup>3</sup>. **Permitimo-nos discordar, pelo já apresentado e até porque após este caso, uma dezena mais de atletas tombou, no nosso país, durante ou logo após a prática desportiva.**

Em Junho de 2003, em directo na televisão, Marc-Vivien Foé, jogador camaronês, morre em campo quando alinhava pela selecção do seu país, na Taça das Confederações.

Em Outubro de 2004 a televisão mostra-nos mais uma vez em directo, do Estádio do Morumbi, em São Paulo, a morte do brasileiro Serginho.

Dois meses depois é a vez de assistirmos ao falecimento de outro jogador brasileiro, Cristiano de Lima Júnior, em Bangalore, na Índia, o qual caiu inanimado após marcar o seu segundo golo e ter chocado com o guarda-redes adversário.

---

<sup>3</sup> Júlio Magalhães, “Até sempre Miki!”, Record, 28.1.2004, p. 16

Sendo o futebol o desporto com maior visualidade, é certo que será este a ter uma maior veiculação sobre os casos que nele acontecem.

O que não invalida que o mesmo aconteça noutros desportos, como adiante veremos.

E não é só na alta competição, no desporto espectáculo, embora seja deste que possa circular mais informação...

**Só em Janeiro do corrente ano, e no espaço de 10 dias, morreram duas crianças na Suécia, uma com 8 e outra com 11 anos, vitimadas durante a prática do futebol!...**

Mas teremos de fazer aqui uma distinção entre os casos de morte que ocorrem por motivos inerentes ao **risco de acidente** na prática desportiva (lesões fatais) e aqueles que ocorrem motivados pelo **síndrome da morte súbita**.

Em relação aos primeiros, entre nós o mais divulgado foi o da morte do considerado maior ciclista português de todos os tempos, Joaquim Agostinho, em 1984, o qual sofreu graves lesões na cabeça resultantes de uma queda na Quarteira, numa etapa da Volta ao Algarve, vindo a falecer após dez dias em estado de coma.

Caso semelhante já tinha ocorrido em 1981 com José Zeferino, o qual veio a falecer devido a uma fractura de crânio, numa etapa no Alentejo.

Aliás, o ciclismo é fértil em casos deste género, entre os quais salientamos o do campeão olímpico em Barcelona (1992), o italiano Fabio Casartelli, que perdeu a vida vítima de uma queda em 1995 no Tour de France, o do espanhol Manuel Sanroma em 1999 na Volta à Catalunha e o de Andrei Kivilev, do Cazaquistão, em 2003 no Paris-Nice.

Férteis em acidentes mortais são também os desportos motorizados – basta-nos recordar o que aconteceu no último Barcelona-Dakar e o que tem acontecido na Fórmula 1 (em 40 anos, de 1954 a 1994, ano da morte de Ayrton Senna, registamos a morte de pelo menos 34 pilotos).

Nos desportos na neve constatamos a morte da francesa Régine Cavagnoud, praticante de esqui alpino, em 2001 na Áustria, devido a um choque a alta velocidade com o seu treinador, e do suíço Gilles de Verbier, praticante de snowboard, ocorrida em 2002 no Canadá.

Nos anos de 1999 e 2000 é a vez de se registarem quatro mortes no hipismo provocadas por lesões originadas por quedas das montadas...

E se nem sequer vamos abordar as mortes no pugilismo provocadas por KO (entre 1945 e 1995 morreram cerca de 500 pugilistas!)... já temos no entanto de realçar que no **Karaté**, em 1998, o russo Said Isayev, de 20 anos, no **Taekwondo**, em 1999, o dinamarquês Michael Anderson, de 25 anos e no **Kick Boxing**, em 2001, o checo Zdenek Vebejda, de 19 anos, encontraram a morte devido a graves lesões contraídas nos combates que tinham acabado de disputar.

Mas não pensemos que as mortes acidentais só acontecem em modalidades que poderemos classificar como de risco. No mais comum dos desportos, tal como o futebol ou o basquetebol, elas também podem aparecer vitimando atletas.

O ano de 2001 trouxe-nos pelo menos duas mortes acidentais no futebol. Uma, a do guarda-redes da selecção ucraniana e do CSKA de Moscovo, Sergei Perkhun, falecido devido a lesões contraídas na cabeça motivadas por um violentíssimo choque com um adversário. A outra, a do guarda-redes Augusto Mendonza, da Nicarágua, o qual morreu sem ter recuperado a consciência após cinco dias em coma, em virtude de ser sofrido um pontapé na cara durante a realização de um jogo em que participava, em França.

No basquetebol, em 2002, morreu o espanhol Ernesto de la Torre, em Logroño, devido a um golpe sofrido no pescoço durante um jogo.

No **síndrome da morte súbita** o coração não suporta o intenso esforço físico a que é submetido e a morte é causada por uma paragem cardíaca.

Este desfecho fulminante pode vitimar qualquer pessoa – e não só atletas – sendo a primeira (e a última!) manifestação de uma doença de que não se tem conhecimento, a qual é muitas vezes congénita e indetectável nos exames convencionais.

O relatório da autópsia de Fehér aponta para uma hipertrofia cardíaca moderada como causa da morte deste futebolista. E recordamos aqui que um “não atleta”, o sargento reformado da

marinha Fernando Marques, nem S. Miguel, nos Açores, não resistiu às imagens da agonia de Fehér e tombou inanimado em frente ao televisor.

Cerca de 1500 atletas morrem por ano em França devido a ataques cardíacos ou outros problemas cardiovasculares relacionados com o desporto.

Nos Estados Unidos estima-se a ocorrência de mortes súbitas em cada milhão de desportistas em cerca de 100 casos anualmente.

Em Inglaterra o drama da morte súbita tira a vida entre 4 a 8 jovens por semana.

**E não se pense que só acontece no futebol, apesar de registarmos a morte de 22 desportistas em 2004 (nove dos quais em Portugal) e de outros 11 até Julho de 2005, sendo destes, quatro entre nós!**

Em 1997, o ciclista Manuel Abreu faleceu durante um treino em Guimarães. Ainda nesse ano, Angel Almeyda, basquetebolista da Portugal Telecom encontra a morte durante um treino.

Logo no ano seguinte, em 1998, Rui Guimarães, também basquetebolista da Portugal Telecom, morre no decorrer de um treino.

Ainda em 1998 a morte atinge o canadense Stéphane Morin, num jogo de hóquei no gelo realizado na Alemanha, para em 1999 ser atingido novamente o basquetebol com a morte do americano John Stewart e o atletismo com a morte da italiana Isabella Farina.

Em 2002 a tragédia assola de novo o basquetebol português – Paulo Pinto, do Aveiro Basket, encontra a morte num jogo com o Benfica.

Mais recentemente, em 2004, e mais uma vez no basquetebol, morre na Suécia o letão Raimonds Jumikis, falecendo também um atleta na meia maratona de Lagos.

Ainda no ano passado, na África do Sul, falece também o irlandês John McCall, jogador de râguebi.

No corrente ano, a etíope Alem Techale, de 18 anos, especialista nos 1500 metros e noiva do campeão olímpico dos dez mil metros, Kenenisa Bekele, morre durante o início de um treino.

Na XI Maratona de Roma, realizada em Março, falece o italiano Paolo Canton.

O síndrome da morte súbita é o responsável pelo desaparecimento destes atletas sãos, em forma e com boa constituição física, sendo as suas mortes de origem cardiovascular.

Aníbal Costa (1976) apresenta-nos mais de um milhar de casos de morte súbita ocorridos no desporto nos anos 50 e 60, baseado em estudos de autores do leste europeu, Finlândia, Grécia, Escócia e Japão, o que nos leva a acreditar que **actualmente não existem mais casos do que em anos anteriores, mas que são, isso sim, mais mediatizados devido à maior circulação de informação.**

## 2.3 - AS LESÕES PERMANENTES

Em 1998, nos Jogos da Boa Vontade, Sang Lan, ginasta chinesa de 17 anos, efectuava o aquecimento para a prova de salto de cavalo, quando perdeu o controlo do seu salto no ar e bateu com a cabeça no solo fracturando duas vértebras cervicais e ficando paraplégica.

Em 2002, o chileno Charles Manosalva, de 16 anos, praticante de salto à vara, ficou inválido ao fracturar a coluna quando participava num torneio escolar.

Já anteriormente Dennis Byrd, jogador de futebol americano, tinha ficado paralisado na sequência de um choque com um colega de equipa.

Em Janeiro deste ano, Tiago Sousa, atleta de *tumbling* do Lisboa Ginásio Clube, de 20 anos, contrai uma lesão na coluna durante um treino ficando paraplégico.

Susana Feitor, declarou ao jornal «A Bola», a 9 de Fevereiro de 1999 que **“a alta competição não faz bem a ninguém, talvez seja o lado mais perverso do desporto. Se calhar deve fazer pior ser-se marchador de alta competição que fumar durante alguns 50 anos”** – uma comparação satírica mas sobre a qual valerá a pena reflectir.

Será que o desporto dá saúde?

De facto parece-nos que **“ninguém faz este desporto para ter saúde; fá-lo porque tem saúde”** (Sérgio, 2003). Até porque **“o alto rendimento não se inspira na ideia de fomentar a saúde; mas isso não o autoriza a atentar deliberadamente contra ela”** (Bento, 2004).

Se tivermos em conta a gravidade da lesão, os desportos aéreos são os mais perigosos, seguidos das actividades em meio subaquático, ciclismo, motociclismo, montanhismo e rugby.

Se se tiver em conta o número de desportistas acidentados, teremos como mais perigoso o basquetebol, seguido pelo andebol, atletismo, rugby, judo e taekwondo.

Numa pesquisa realizada entre 92 e 95 nos USA, envolvendo 680 mil atletas, os desportos que mais lesões graves causam durante um ano são a luta livre (38,2%), seguida do voleibol (29,9%), da ginástica (20,6%), do basquetebol (19,2%), do futebol (13,8%), do atletismo (7,2%), da natação (5,4%) e, por fim, da esgrima (4,7%).

No futebol americano, 1,5 milhões de jovens jogam futebol no liceu e todos os anos ocorrem, em média, 30 acidentes que resultam em morte, invalidez parcial ou total e danos cerebrais irreversíveis. Um estudo de 1997 na National Football League mostrava que até as «cheerleaders» se lesionavam quase tanto como os jogadores.

Todos nos recordamos do joelho de Eusébio...

**Mas olvidamos inúmeros outros atletas incapacitados para o resto das suas vidas...**

Basta recordarmos a tenista Tracy Austin, Muhammad Ali no boxe, no atletismo Carl Lewis, Patrik Sjöberg e Mike Powell, Charles Barkley no basquetebol, o futebolista Brian Laudrup, Jean-Luc Cretien no esqui alpino, Cris Pringle no cricket, a lançadora de dardo Karen Forkel, e Mark McGuire no baseball... e estes só de entre alguns dos mais conhecidos.

## **2.4 - O DOPING**

O doping não se encontra só presente no ciclismo, no atletismo ou no futebol. Alastra à maioria das modalidades – incluindo o ténis, o judo e até o bilhar e o xadrez...

Em 1999, nos Jogos Sul-africanos, as análises a Otis Ntisame, atleta sul-africano da equipa de Karaté, revelaram a utilização de estimulantes proibidos, invadindo assim uma modalidade com princípios e valores ancestrais...

No desporto escolar Canadano, em 1998, cerca de 3% dos praticantes declararam utilizar esteróides anabolizantes, enquanto na Austrália, se apurou que, em 1994, 2.8% dos jovens estudantes entre os 11 e os 18 anos também tomavam esteróides.

Nas escolas portuguesas, o Conselho da Europa concluiu, em 2001, que existiam alunos que tomavam esteróides anabolizantes.

**A utilização do doping já não é só apanágio dos adultos...**

A vencedora dos 200 metros bruços nos Jogos do Sueste Asiático em 1999, Nicolette Telo, com apenas 13 anos, acusou um controlo anti-doping positivo.

Já em 1995 a corredora sul-africana Lisa Villiers, com 14 anos, tinha revelado um teste positivo aos esteróides e, em Agosto desse mesmo ano, a nadadora Jessica Foschi, dos Estados Unidos, igualmente com 14 anos, também revelou um teste positivo à mesterolona.

Na dopagem, o atleta violenta a sua própria dignidade, viola o seu corpo e adultera a verdade desportiva (Inocentes, 2002). E isto acontece porque a descoberta de novos fármacos anda sempre mais adiantada que o trabalho de detecção dos próprios laboratórios, não resultando a punição, pois sempre que se tem um produto que pode ser detectado logo surge outro (Ljungqvist, 1998).

As análises anti-doping realizadas em Portugal em 1998, revelaram 51 casos positivos, abrangendo 8 em 35 modalidades controladas.

Grave é o facto de existirem controlos positivos entre atletas com menos de 18 anos, alguns dos quais ainda crianças! ...

**Igualmente grave é o facto de constataremos que do ano de 2003 para 2004 o doping em Portugal teve um aumento de cerca de 93,8%...**

Em 1967, Tom Simpson morre de paragem cardíaca no Tour de France. O calor, a intensidade do esforço e a absorção de uma grande dose de anfetaminas foram-lhe fatais.

Kaarlo Kangasniemi, medalha de ouro de halterofilia nos Jogos Olímpicos de 1968, encontra-se hoje paralisado. Em 1975, o músculo do ombro, submetido a anabolizantes, sucumbiu. A barra de 160Kg caiu sobre a sua nuca e partiu-lhe a coluna vertebral.

Mas o caso de doping mais mediático é, sem dúvida, o de Ben Johnson. Medalha de bronze nos 100 metros em Los Angeles, recordista mundial com, 9.83 minutos, era apontado como favorito ao lado de Carl Lewis em Seul. Venceu a final com 9.79 minutos para no dia seguinte ser declarado dopado graças aos esteróides anabolizantes. De facto, em 4 anos, a sua massa muscular passou de 64Kg para 76Kg.

No mesmo espaço de tempo, Florence Griffith-Joyner passa de um corpo feminino arredondado para uma morfologia de músculos hipertrofiados e definidos de forma que somente os esteróides anabolizantes conseguem, estabelecendo marcas nos 100 e 200 metros que ainda hoje perduram.

Johnson foi apanhado pelo doping. Griffit-Joyner, nunca detectada positiva, foi apanhada pela morte em 1997. Ataque epiléptico? Asfixia? Quais as origens do seu falecimento?...

E como nos diz Meinberg (1989), *“na proximidade do culto do doping e das injeções surgem sempre as corrupções e as actividades de bastidores a elas associadas. Além disso merece crítica a brutalidade crescente dos actores, pelo que agressão e dominação não constituem estados de excepção no desporto”*.

## 2.5 - A CORRUPÇÃO

Deixou-se de praticar desporto por simples ocupação do tempo, para se ser integrado numa extensa engrenagem, que exige, que pressiona, que compra e vende, que impõe como objectivo atingir o melhor resultado.

A existência da corrupção no desporto tanto demonstra que *“a ferocidade antiga tende a ser substituída pela astúcia”* (Sorel, 1992) como demonstra *“a passagem de uma criminalidade de sangue para uma criminalidade de fraude”* (Foucault, 1996).

Não serão alheias a isso as verbas que o desporto profissional movimenta – só o futebol gerava a nível planetário, em 1999, a quantia de 336.882 triliões de contos, havendo jogadores portugueses que recebiam nessa altura entre 20 e 30 mil contos por mês.

A profissionalização dos desportistas e os seus salários facilitam este fenómeno.

Steven Worthy, jogador de basquetebol do C. A. de Queluz, declarou, em 1999, referindo a sua mudança de clube: *“vou para onde está o dinheiro”*. Ao transferir-se de Barcelona para Madrid, Figo afirma: *“para mim, o futebol é um negócio”*. □□ Em Fevereiro de 2003, Romário, jogador de futebol do Fluminense, afirmava a propósito da sua transferência para um clube árabe: *“serei mais infeliz, mas bem mais rico!”*.

Damas, antigo guarda-redes do Sporting e da Selecção Nacional, entretanto falecido, afirmou na festa em que o seu clube o homenageou, em 2003, que *“hoje pensa-se mais no dinheiro!”* – o que é confirmado pelo próprio seleccionador, Scolari, quando afirma que quem quiser espectáculo que vá ao circo, pois hoje o futebol é competição e negócio.

E *“actualmente, poderemos dizer que existem sete idiomas universais: o dinheiro, a política, a arte, o sexo, a droga, a corrupção e o desporto.*

*O desporto reúne todos eles”* (Gustavo Pires, 1996).

Dirigentes, jogadores e finalmente árbitros são apanhados na teia da corrupção não só lá fora como também no nosso país...

Dos dirigentes são conhecidos os casos de Bernard Tapie do Olympique de Marselha, de Gil y Gil do Atlético de Madrid, de Sergio Cagnotti da Lazio, de Vale e Azevedo do Benfica, de Marc Roger do Servette... e outros mais cujos processos decorrem actualmente, alguns em Portugal.



Num dos casos mais antigos, em 1904, William Henry Meredith, que já tinha sido jogador do Manchester City, foi forçado a abandonar os The Citizens devido a um caso de pagamentos ilegais, em que foi considerado culpado de ter oferecido dez libras ao capitão do Aston Villa para que este movesse influências no sentido de facilitar uma vitória da sua equipa.

Em 1980 rebenta em Itália o caso Totonero, em que técnicos, dirigentes, juizes e jogadores foram implicados – sendo o mais conhecido Paolo Rossi, que combinara o resultado de um jogo com um apostador profissional desde que ele pudesse marcar dois golos e consolidar a sua liderança no campeonato. Rossi foi suspenso por dois anos e o Milan rebaixado à categoria inferior.

Mas curiosamente, Rossi acabou por ter a pena reduzida para dois meses, para poder disputar o Mundial de 82 em Espanha... vencido pela Itália e tendo a justiça desportiva italiana decidido amnistiar 38 condenados neste caso.

Em 1999, cinco internacionais de Hong Kong foram condenados por assegurarem a derrota da selecção por dois golos de diferença contra a Tailândia na qualificação para o Mundial de 98 em França.

No campo da arbitragem, em 1990, o português Francisco Silva foi irradiado pela justiça desportiva por corrupção, em virtude de ter recebido um cheque de dois mil contos, naquilo que ficou conhecido como caso “Penafielgate”.

Na época de 92/93, o árbitro José Guímaro, ao favorecer o Leça para subir à Divisão de Honra, no jogo Leça – Académico de Viseu, foi condenado por corrupção passiva, tendo cumprido pena de prisão.

Em 1997, o árbitro internacional suíço Kurt Roethlisberger foi banido pela UEFA, tendo o mesmo admitido ter oferecido ao Grasshoppers, a troco de dez mil contos, a sua influência junto do árbitro bielorusso Vadim Zhuk para este facilitar o resultado a favor desse clube numa partida contra o Auxerre.

Actualmente, notícias de corrupção envolvendo a arbitragem chegam-nos da Alemanha, com ramificações que podem chegar à Grécia. O árbitro Robert Hoyzer encontra-se em prisão preventiva, num processo que envolve mais 3 árbitros e 14 jogadores, tendo o jogador Steffen Karl do Chemnitz, também detido, admitido já o suborno ao guarda-redes Georg Koch, do Cottbus.

A corrupção é sempre mais difícil de provar, até porque *“para a (eventual) elevada não detecção ou não participação dos crimes de corrupção concorrem factores, bem conhecidos, como as evidentes dificuldades de detecção fundamentada de um crime de corrupção e os múltiplos obstáculos que envolvem a participação deste tipo de crime, que, é necessário reconhecer, garante normalmente evidentes vantagens, tanto para os corruptores como para os corrompidos, mas raramente para quem os denuncia”* (Ferreira, 1998).

O que dizer da vitória de 73-0 da equipa que se sagrou campeã regional de futebol, em Achay, em 1999, no Paraguai?

E o que dizer dos resultados de 55-1 e 61-1, na Índia, em Fevereiro de 2004, em que duas das equipas procuravam a única vaga que dava acesso à 1ª divisão de futebol?

## 2.6 - A FRAUDE

Desde o atirador que tinha um botão instalado no punho do seu florete para, ao ser accionado, fazer acender a luz do marcador, ao nadador que deixou que lhe injectassem ar no recto para aumentar o seu coeficiente de flutuabilidade (1), vários são os casos de fraude que se verificam no desporto.

Nos Campeonatos do Mundo de Atletismo, em 1987, em Roma, um membro do júri aproveitou uma cerimónia protocolar realizada, por coincidência, antes do último salto do italiano Evangelisti, para medir e registar em memória, no instrumento de medida, um salto não efectuado, de 8,38 metros, que corresponderia ao terceiro lugar. Quando Evangelisti saltou, esse juiz apenas enviou para o quadro electrónico o resultado que estava em memória.

Em 1994 foi Albert Belle dos Cleveland Indians; em 1996 foi Chris Sabo, dos Cincinnati Reds, para em 1997 ser Wilton Guerrero dos Los Angeles Dodgers – todos jogadores de baseball, todos condenados por utilizarem tacos viciados...

No Mundial de Judo de 2003, os adversários do japonês Yoshihiro Akiyama queixaram-se de não conseguirem efectuar as pegadas nos combates que efectuaram com o mesmo dado que o seu kimono se encontrava impregnado com algo que o tornava escorregadio.

Em França, durante 2003, Christophe Fauvau, pai de dois tenistas franceses, drogava os adversários dos seus filhos com antidepressivos diluídos em garrafas de água, que trocava momentos antes dos jogos ou dos treinos. A morte num acidente de viação de um jovem professor de ténis depois de ter jogado com Maxime, o filho mais velho, em cujo corpo foi encontrada uma substância que este nunca tinha consumido desvendou estas situações.

Em 2004 é a altura do Iraklis Clube de Salónica, acusar o Akrotis de Atenas de ter juntado uma substância perigosa – fatal se ingerida em doses elevadas – às suas garrafas de água durante um jogo, facto comprovado por análises laboratoriais.

O ex-treinador de Maria Mutola, Stélio Craveirinha, e a atleta Elisa Cossa, foram condenados a uma pena suspensa de 17 meses e multados num total de dois mil euros, no presente ano, por falsificarem as marcas que permitiram a esta corredora de 800 metros participar nos Jogos Olímpicos de Sydney.

Mais vezes do que julgamos, e por vezes indetectável, a fraude também invade o desporto. **E quando detectada nem sempre esse facto chega ao conhecimento do público em geral...**

Qual o jogador que nunca tentou ludibriar o árbitro?...

A “*fraude é o anti-desportivismo no seu estado mais puro, pois pretende iludir os atletas, os juizes, o público, o resultado e a própria verdade desportiva*” (Inocentes, 2002).

## 2.7 – A VIOLÊNCIA

A violência presente no desporto acaba por ser um reflexo da violência na própria sociedade. E se ela é uma perversidade na sociedade, maior perversidade quando emerge no desporto.

Tanto a violência associada ao desporto – aquela que é cometida pelas claques ou pelo público e por vezes designada *hooliganismo* – como a violência na própria prática desportiva – aquela que é cometida pelos intervenientes directos no fenómeno desportivo (jogadores, atletas, árbitros, dirigentes, etc.).

O seu estudo revela-se de tal maneira importante que justifica uma abordagem mais particular e detalhada.

## 2.8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bento, Jorge Olímpio, 1999, “**Contextos da Pedagogia do Desporto**”, Lisboa, Livros Horizonte.
- Bento, Jorge Olímpio, 2004, “**Desporto – Discurso e Substância**”, Porto, Campo das Letras.
- Costa, Aníbal, 1976, “*Mortes súbitas em desporto*”, Cruz Quebrada, ISEF, **Ludens**, Vol. 1, n.º 1.
- Ferreira, Eduardo, 1998, “**Crime e Insegurança em Portugal – Padrões e Tendências, 1985 - 1996**”, Oeiras, Celta Editora.
- Foucault, Michel, 1996, “**Vigiar e Punir**”, Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes.
- Gustavo Pires, 1996, “**Desporto e Política: Paradoxos e Realidades**”, Madeira, O Desporto.
- Inocentes, Armando, 2002, “**A Violência na Prática Desportiva Infanto-Juvenil – percepções e atitudes do corpo docente de Educação Física perante comportamentos de violência em alunos nas Escolas dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico**”, Dissertação de Mestrado, documento não publicado. Cruz Quebrada, Lisboa: FMH – UTL.
- Ljungqvist, Arne, 1998, “*Cheats prosper from soft pedalling on hard drugs*”, in C. Donellan (Ed.), “**Drug Abuse in Sport**”, Vol. 26, pp. 12-13, Cambridge, Issues.
- Meinberg, Eckhard, 1989, “**Desporto, Ética, Sociedade**”, Universidade do Porto, FCDEF.
- Personne, Jacques, 1987, “**Nenhuma Medalha Vale a Saúde de uma Criança**”, Lisboa, Livros Horizonte.
- Sérgio, Manuel, 2003, “**Algumas Teses sobre o Desporto**”, Lisboa, Compendium.
- Sorel, Georges, 1992, “**Reflexões Sobre a Violência**”, São Paulo, Martins Fontes.
- Tannsjo, Torbjorn & Tamburrini, Claudio, 2000, “**Values in Sport**”, London, E & F Spon - Routledge.

### 3 - A VIOLÊNCIA NA PRÁTICA DESPORTIVA

#### 3.1 - INTRODUÇÃO

Há três décadas, Belbenoit (1974) questionava se as virtudes e os vícios da competição estariam já em germe desde os primeiros jogos da criança ou se só apareceriam a partir de uma certa intensidade da mesma.

Mais recentemente, em 1998, uma imagem da campanha publicitária da revista «TIME», mostrava-nos uma fotografia de um jogo de futebol sobreposta a uma outra de guerra, conotando assim o desporto com a violência.

Entre estas duas datas emergiu a divulgação das perversidades no desporto: o *doping*, a corrupção, a fraude e a violência.

Parece-nos ser pertinente focar a nossa atenção na violência como contra-valor, dado ser o comportamento que mais frequentemente e com uma maior facilidade poderá ocorrer, nomeadamente nos escalões de formação infanto-juvenil e no Desporto Escolar, sendo igualmente um comportamento de indisciplina em aulas de Educação Física (Piéron, 1999; Mendes, 1995; Brito, 1986).

As agressões e injúrias a adversários, os comportamentos exaltados, o engano das regras do jogo, a contestação regular das decisões dos juizes, a reacção ao público com gestos e palavras obscenas, a intimidação aos adversários através da violência física e verbal, são alguns dos comportamentos inapropriados de atletas e treinadores que vemos com frequência no nosso desporto (Sarmiento, 1999).

E *“o que é mais preocupante é que, por parte dos atletas, todo este conjunto de comportamentos inapropriados acontece nos chamados «escalões de formação» («nos miúdos»), prejudicando a sua formação humana e desportiva”* (id.).

#### 3.2 - O PROBLEMA

Em Maio de 1997, o jornal Record<sup>4</sup> noticiava que durante o jogo de juvenis entre o Sanjoanense e o Taboeira, pais e familiares dos atletas em acção se envolveram numa autêntica batalha, após uma entrada mais dura de um jogador sobre um adversário, acabando três desses espectadores por terem de ser assistidos no Hospital de S. João da Madeira, enquanto em Junho de 1998<sup>5</sup> anunciava a suspensão de um juvenil do Brufense, pela Associação de Futebol de Braga, pelo período de quatro anos!

No decorrer do jogo de futebol Despertar – Lusitano de Évora para o Campeonato Nacional de Iniciados, realizado em Beja, dois espectadores, pais de jogadores de ambas as equipas, envolveram-se numa acesa discussão verbal, levando um outro espectador, afecto ao Lusitano de Évora, a sacar de uma pistola de calibre 6.35, colocar uma bala na câmara e interceder a favor do seu conterrâneo, apontando-a à cabeça do adepto da equipa da casa enquanto este era agredido (Saúde, 1998). Também no futebol, no encontro entre o Sesimbra e o Montijo a contar para o Distrital de Juniores da A. F. de Setúbal, regista-se a expulsão de 16 jogadores, acabando o jogo ao intervalo, dado terem-se verificado uma série de agressões mútuas entre os jogadores quando as equipas regressavam aos balneários (Pina, 1998).

Estes dois acontecimentos, relativamente próximos não só geograficamente como em termos temporais, fazem-nos reflectir sobre a violência e os valores éticos não só entre espectadores de futebol, como entre os próprios atletas, mesmo em faixas etárias mais baixas.

---

<sup>4</sup> “Agressões acabam... à dentada”, Record, Lisboa, 07.05.1997, p. 38.

<sup>5</sup> “AF Braga castiga jogadores com 18 anos de suspensão”, Record, Lisboa, 30.06.1998, p. 20.

Exemplificando a violência entre os mais novos, referiremos alguns factos: na final do Torneio Internacional de futebol juvenil da Marinha Grande, já no fim do jogo, os atletas envolveram-se “*numa batalha de socos e pontapés (...), cenas que alastraram às bancadas*”<sup>6</sup>; no jogo de hóquei em patins entre o Sport Clube Escolar Bombarrelense e o Grupo Desportivo da Batalha, as agressões envolveram adversários de 15 anos, público e dirigentes desportivos, no final de um jogo para o campeonato distrital de Leiria em hóquei em patins, no escalão de juvenis<sup>7</sup>; no Campeonato Nacional de Basquetebol de cadetes, no jogo entre o Chamusca e o Barreirense, é a vez de ser agredido o árbitro<sup>8</sup>; na natação, um atleta de 13 anos foi expulso da equipa do F. C. do Porto por ter agredido um colega nos balneários<sup>9</sup>.

Verificamos assim, com estes poucos exemplos, que os comportamentos de violência no desporto também existem entre os mais jovens e não só no futebol...

Enquanto os comportamentos de violência no desporto são veiculados através da comunicação social, desconhecemos se esses comportamentos existem nos escalões de formação, nas modalidades desportivas não divulgadas na comunicação social, em aulas de Educação Física e no Desporto Escolar.

E não podemos esquecer que o comportamento correcto de um atleta adulto tem sempre como ponto de referência a sua formação anterior (Sarmento, 1999).

Piéron (1999), abordando temas de investigação pedagógica das actividades físico-desportivas, aponta como prioridade, entre outras, “*a conduta e o controlo da classe. Sabemos que os comportamentos conflituosos e a violência estão na ordem do dia em numerosas classes. Pode a investigação ajudar a proporcionar as ferramentas que contribuiriam para resolver alguns dos problemas encontrados?*”

Também Bento (1995) afirma que a Pedagogia do Desporto deve estudar temas tais como a elaboração de programas de acções conjuntas contra a violência no desporto, junto de crianças e jovens.

Serpa (1989) recomenda o estudo da atitude perante a agressividade no desporto de atletas de alto nível e de baixo nível competitivo, assim como a eventual mudança de atitude devida à participação numa competição desportiva.

São necessários mais estudos (Coakley, 1998) de forma a conduzirem-se os atletas a dedicarem-se e reflectirem na sua forma de comportamento e no lugar da agressão nos seus mundos social e desportivo.

E tanto Professores como Treinadores devem desenvolver estratégias para lidar com os comportamentos inadequados (Veiga, 1999) assim como dominar “*estratégias de alteração comportamental (mesmo que se trate de «comportamentos inapropriados» fora das tarefas desportivas)*” (Sarmento, 1991).

### 3.3 - UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Smith (1983) refere que se tem aceite muito daquilo a que se pode chamar violência como fazendo parte do jogo.

Caillat (1996) defende que aquilo que se considera serem perversidades do desporto não são devidas a uma má utilização da prática, mas sim as consequências fatais da lógica da competição, do “*record*” e da vitória a qualquer preço.

Segundo Berkowitz (1973), a competição inerente ao jogo é excitante, pelo que esta eleva as influências agressivas, incrementando as hipóteses de agressão e elevando a susceptibilidade dos

<sup>6</sup> “Incidentes graves na final de juvenis”, A Bola, Lisboa, 16.04.2001, p. 28.

<sup>7</sup> “Hóquei de miúdos acaba à tareia”, Correio da Manhã, Lisboa, 09.01.1999, p. 6.

<sup>8</sup> “Árbitro agredido em jogo de cadetes”, Correio da Manhã, Lisboa, 31.05.1999, p. 8D.

<sup>9</sup> “Natação”, A Bola, Lisboa, 13.02.2001, p. 38.

jogadores a influências externas gerais que podem conduzir à violência. Para este autor, defensor da teoria da frustração-agressão, os reforços que os jogadores receberam previamente em competição irão incrementar as hipóteses de eles actuarem violentamente em campos exteriores ao próprio desporto.

Tendo em conta a opinião de Alderman (1986), *“não nos deixa muitas dúvidas que a agressividade é a mais intensa de todas as motivações principais e que a competição desportiva acentua e intensifica, pela sua própria natureza, as tendências agressivas – o adversário está lá para impedir o sujeito de atingir o seu fim; a frustração que daí resulta origina a cólera, a cólera origina a agressividade, que origina muitas vezes a violência e pode assumir as formas mais tremendas. Este síndrome é infelizmente frequentemente observado e mantém-se no domínio do desporto”*.

*“O desporto tem considerável valor para a nossa sociedade, mas nós não deveremos justificá-lo como respostas seguras para os impulsos violentos reprimidos”* (id.).

Também os resultados obtidos através dos estudos de Zillmann (1979, *apud* Ballesteros Jiménez, 1983) sugerem que a competição desportiva, sobretudo quando implica elementos agressivos, pode intensificar a agressividade em vez de reduzi-la.

*“Lamentavelmente, actos de violência desportiva não se encontram limitados aos campos, cortes e ringues. Os incidentes começaram como um fio de água escorrendo dos institutos superiores até às escolas secundárias. Aqui, igualmente, os tipos de violência podem ser classificados nas mesmas duas categorias básicas do desporto profissional. Um tipo de violência é uma construção de uma parte do jogo. Um rude contacto físico pode causar debilitações e por vezes ameaças à vida e lesões. O outro tipo de violência é o resultado de uma «extracurricular», ou fora-de-campo, luta e brutalidade”* refere Margolis (1998).

E se Jeu (1972) não tem dúvidas *“que o desporto comporta agressividade e violência”*, para Pfister *“a competição é a codificação da agressividade”* (Pfister, *apud* Thomas, 1998).

Brohm (1993) afirma que, longe de ser «natural», a competição desportiva com os seus ritos é a manifestação perversa de uma sociedade baseada na rivalidade agressiva e na dominação do outro. *“As consequências destrutivas e auto-destrutivas da competição não podem ser negadas”* (id.).

No que se refere a atitudes de agressão, Maisonneuve (1982) refere que os conflitos que elas subentendem têm, ora um tom de carácter inato (incompatibilidade), ora dependem de uma cultura (competição).

Para Muñoz Soler (1985, 1997) existe uma agressividade normal e existe uma agressividade patológica na acção desportiva – a agressividade do desportista, que é uma parte da competitividade própria do desporto, pode chegar a transtornar-se.

A competitividade e o comportamento agressivo, imediata consequência do estado de agressividade do ser vivo, são em qualquer nível da realidade biológica, o estado motivante fundamental de todo o processo evolutivo e do seu conjunto. O desporto surge assim como consequência da necessidade do ser humano em modificar esta inevitável norma biológica de sobrevivência em seu proveito próprio, convertendo-a em acção humana satisfatória e benéfica para ele e para o contexto social onde se inclui.

Ainda recentemente (Valarinho, 2001), um estudo realizado em França revelou que, realmente, o desporto pode ter efeitos perversos. Em relação à violência, os desportistas de alta competição dos dois sexos tendem a envolver-se em situações violentas muito mais frequentemente que os cidadãos normais, eventualmente por se sentirem mais poderosos. Nesse estudo, 65% do género masculino e 45% do género feminino dos atletas de alta competição revelam tendências para desenvolverem comportamentos de violência um maior número de vezes que aqueles que são pequenos desportistas ou aqueles que não praticam nenhuma modalidade desportiva.

No desporto, a competição entre duas pessoas é propícia não só à oportunidade da agressão por um dos opositores, mas também à contra-agressão por parte do outro oponente (Martens, 1975). A derrota promove mais tendências agressivas que a vitória, e embora o desporto ou a actividade

física possam controlar a agressão não são no entanto catarse, nem promovem a libertação de tensões geradas instintivamente ou o excesso de energia.

Martens (id.) conclui que a aprendizagem da agressão ocorre em grande escala pela observação de outros e as pessoas que observam violência e são reforçadas pela violência quando participam no desporto são susceptíveis de continuarem um comportamento violento.

Existem estudos, referidos por Thomas, Missoum & Rivolier (1987) realçando que numerosas pesquisas constatarem uma agressividade importante em atletas de nível superior: Antonelli (1956), Antonelli & Riccio (1960), Mastruzzo (1964) e Flechter (1971).

Os mesmos autores referem que investigadores como Timsit & Geyter (1975) constatarem que os desportistas são mais agressivos do que aqueles que não praticam qualquer desporto, ou Johnson & Hutton (1954), que concluem que nos atletas de nível superior existe uma agressividade muito acentuada.

Missoum-Carton (1985), que estudando atletas femininas de alta competição demonstra a existência de altas tendências agressivas e uma maior combatividade nas atletas de desportos de confronto dual – esgrima, ténis de mesa e judo (Thomas *et al.*, 1987).

Mas se não se põe em causa que “*o desporto é, de facto, uma das maiores invenções sociais que os seres humanos realizaram sem o planejar*” já nos restam dúvidas se ele “*oferece às pessoas a excitação libertadora de uma disputa que envolve esforço físico e destreza, enquanto reduz ao mínimo a ocasião de alguém ficar, no seu decurso, seriamente ferido*” (Elias, 1992), até porque inúmeros exemplos demonstram o contrário.

Basta, para isso, referirmos Zillmann, Katcher & Milavsky (1972, *apud* Balagué, 1981) que constatarem que o exercício físico aumenta os níveis de agressividade, Berkowitz (1973) que refere que a competição desportiva aumenta o nível de excitação intensificando as tendências agressivas do jogador e Pfister (1981/82), que trabalhando com crianças do meio escolar, concluiu que a competição não tem propriedades catárticas e desinibe as respostas agressivas.

No campo catártico, Husman (1970) concluiu que praticantes de boxe possuem uma menor intensidade de agressão, são menos extra-punitivos e mais intra-punitivos em relação a lutadores, a corredores e a um grupo de controle, e que os corredores são mais extra-punitivos e menos intra-punitivos e impunitivos que os sujeitos de controle, “*confirmando a teoria catártica*” (id.), o que acontece também com os resultados obtidos por Johnson & Hutton (1970) comparando lutadores em situações diferentes.

No entanto, Mallick & McCandless (1966, *apud* Balagué, 1981) e Feshbach (1956, id.) concluem que no jogo a agressão com ausência de cólera não tem valor catártico e Russell (1993) afirma que “*a participação em desportos agressivos para reduzir a agressividade não é suportada pela pesquisa*”.

Por seu lado, Ogilvie (1970) também afirma que há insuficiente evidência para concluir que o nível elevado de competição favoreça um contributo positivo para a personalidade. “*Aqueles que conservam a sua motivação para a competição apresentam a maioria dos seguintes traços de personalidade: ambição, organização, deferência, dominância, resistência e agressão*” (id.).

Referindo-se a Walters (1966), Martens (1975) afirma que este cita consideráveis evidências em como a observação da violência não tem efeito catártico mas, de facto, aumenta a probabilidade da agressão através da aprendizagem observacional. “*Os atletas que actuam violentamente ou de forma grotesca têm um efeito negativo nos valores das nossas crianças? Se não, certamente não dão às crianças uma ajuda positiva*” (Lapchick, 1996).

Martens (1975) também cita a revisão de literatura efectuada por Ryan (1970) e Layman (1970), relacionada com a actividade física, concluindo que a hipótese catártica não se encontra provada experimentalmente.

Cagigal (1990) afirma que “*se investiga bastante a relação positiva ou negativa que o carácter competitivo da prática desportiva pode ter com a agressividade. Há disparidade nos resultados, embora ultimamente predomine a tendência para considerar a correlação directa entre competitividade desportiva e agressividade. O carácter de exigência, de intensidade de estímulos a*

*que leva a competição, com o consequente stress emotivo, parece favorecer também a agressividade”.*

Um estudo de Borrego (1999) conclui que os alunos com prática desportiva apresentam mais comportamentos de violência, sendo significativamente mais agressores, do que os alunos sem prática desportiva.

Isberg (1999) faz notar que *“o comportamento agressivo como uma expressão de cólera parece ser relativamente mais comum no desporto que em situações diárias da vida, em desportos de equipa que em desportos individuais, em competição de alto nível e de alta intensidade, em desportos de combate e com contacto. A socialização de alguns desportos parece legitimar o comportamento agressivo, especialmente no género masculino. As equipas cujos treinadores enfatizam fortemente a vitória parecem estar mais dispostas a usarem comportamentos agressivos e táticas ilegais”.*

Clayes (1987) apresenta um estudo em que 426 jovens responderam à pergunta «alguém já lhes disse para ser agressivo com o adversário? Quem?». *“Um quarto dos rapazes afirma e indica o treinador e esporadicamente o pai. Uma em cada dez raparigas afirma e indica exclusivamente o treinador”* (id.).

Terry & Jackson (1985) apontam um estudo de Smith (1979) que indica que 52% de jogadores de hóquei no gelo com idades compreendidas entre os 18 e os 21 anos percebem os seus treinadores como bastante aprovadores de comportamentos violentos, referindo que um outro estudo também de Smith (1977) demonstrou que quanto mais os treinadores aprovam a violência, tanto mais os seus jogadores praticam actos violentos.

### 3.4 - CONCLUSÃO

A violência não é mais do que a manifestação de um comportamento que tem intenção de prejudicar qualquer outra pessoa fisicamente, causando dor ou lesão, sendo este conceito referido ao lado físico da agressão (Smith, 1987; Parry, 1998; Coakley, 1998).

Irlinger (1993) classifica três categorias de ideais desportivos:

1. os puristas, que recusam sem reservas a violência no desporto;
2. os iconoclastas, que aceitam a violência como normal e fazendo parte do desporto;
3. por último, os realistas, que desaprovam a violência no desporto embora pensem que ela é inevitável.

Segundo Sanmartín (1995), há duas razões para a existência da violência no desporto:

- 1<sup>a</sup>) uma parte importante da violência é inerente a todo o desporto de contacto;
- 2<sup>a</sup>) certas práticas agressivas, embora ilegais aos olhos da lei que rege o desporto, chegam a ser toleradas como algo que faz parte do jogo.

Carreiro da Costa (1999), recorrendo a Bredemeier (1994), revela que os comportamentos de injúria, agressão, violência, falta de respeito pelos adversários e juízes, visíveis no desporto profissional adulto, estão a tornar-se cada vez mais frequentes no desporto infantil e juvenil.

Da caça ao desporto moderno, do *Australopithecus* ao *Homo Sapiens*, passando por Roma e Atenas, duas componentes há que têm estado sempre presentes ao longo da filogénese humana: a competição e a violência.

E não temos dúvidas que são de maior peso os estudos que confirmam que a violência é cultivada no desporto, em detrimento de estudos que revelam os efeitos catárticos do mesmo.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Todas as referências bibliográficas citadas no texto, não apresentadas na Bibliografia, encontram-se em Inocentes, Armando, 2002, **“A Violência na Prática Desportiva Infanto-Juvenil – percepções e atitudes do corpo docente de Educação Física perante comportamentos de violência em alunos nas Escolas dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico”**, Dissertação de Mestrado, Cruz Quebrada, FMH-UTL, obra que poderá ser consultada na Biblioteca Nacional, na Biblioteca da Faculdade de Motricidade Humana, na Cruz Quebrada, assim como na Biblioteca do Centro de Estudos e Formação Desportiva - IND, na Lapa, ou na Biblioteca do Instituto Piaget, em Almada.

## 4 - CASOS EXEMPLARES NO DESPORTO

Mas não pretendamos sacrificar o desporto!

Até porque a confirmação do seu carácter bivalente, como anteriormente afirmámos, só poderá ser válida se apresentarmos o reverso da medalha.

Aqui ficam 14 casos exemplares... e mais alguns passados entre nós...

1. Károly Takács, um exímio atirador húngaro, militar, que quase morreu quando uma granada lhe explodiu na mão direita (a que usava para atirar) em 1938. Nos J.O. de 1948, em Londres, ganhou a medalha de ouro atirando com a mão esquerda;

2. Ron Clark, o atleta que entre 1963 e 1968 estabeleceu 17 recordes mundiais em corridas de fundo, nunca conquistou uma medalha olímpica. Quando Clark visitou Emil Zátopek – que nos J.O. de 1948 e 1952 tinha ganho 4 medalhas de ouro e uma de prata – em Praga, após os J.O. de Tóquio, este ofereceu-lhe um presente de despedida com a condição de só o abrir já no avião de regresso. Quando Clark abriu o embrulho, sobre o oceano, deparou com uma das medalhas de Zátopek;

3. Eugénio Monti, em Innsbruck, 1964, quando estava numa óptima posição na competição de bobsleigh de 2 lugares, ao completar a sua 2ª descida, retirou uma peça do seu trenó para a ceder a Nash e Dixon, britânicos, cujo trenó partira a ligação do eixo e que sem ela teriam de desistir. Ironia do destino, a equipa britânica acabou por ganhar a medalha de ouro e Monti e Sergio Siorpaes ficaram em 3º lugar;

4. Por ocasião de uma prova de salto em comprimento, nos campeonatos de atletismo em recinto coberto, nos Estados Unidos, em 1965, a campeã olímpica inglesa Mary Rand confundida por várias marcas feitas no solo, falhou a sua terceira tentativa e foi assim eliminada da final. Considerando que a sua rival inglesa tinha sido injustamente penalizada, Willie White, por iniciativa própria, pediu para que uma tentativa suplementar fosse concedida a Mary Rand. O júri acedeu ao pedido e Mary Rand efectuou um quarto salto que lhe permitiu qualificar-se em primeiro lugar;

5. À saída do “slalon” contando para as provas da “Taça do Mundo” de esqui em 1968, o esquiador polaco Andrzej Bachleda conseguiu ficar em primeiro lugar. Chamou então a atenção do júri para o facto de ele ter falhado uma porta, o que tinha escapado à atenção dos oficiais. Provocou assim a sua desqualificação e eliminação do campeonato;

6. Zaballa, o ponta esquerdo do Sabadell que em 1969, contra o Real Madrid, recusou-se a marcar um gol com a baliza completamente deserta quando o guarda-redes e um defesa do Real Madrid chocaram acidentalmente e caíram inconscientes;

7. Durante a prova de salto em comprimento dos Campeonatos da Europa de Atletismo em 1971, a atleta suíça Meta Antenen estava à cabeça da competição quando a sua rival mais perigosa foi chamada a participar numa outra prova. Meta pediu para que fosse concedido um período de repouso, mais longo do que o previsto nos regulamentos, à sua rival, que acabou por vencer, e Meta Antenen perdeu o título de campeã europeia;

8. Ulrike Meyfarth, que venceu o salto em altura nos J.O. de Munique (1972) assim como nos J.O. de Los Angeles (1984). Foi a atleta mais jovem, e a mais velha, a vencer aquela prova;

9. Durante o Campeonato do Mundo de perseguição ciclista em 1973, a equipa da Alemanha Federal estava prestes a ganhar quando, devido à falta de um empregado na pista, os quatro elementos da equipa deram uma queda quase em cima da meta. Pela simples aplicação do regulamento, a equipa inglesa composta por Yan Hallam, Mick Bennett, Will Moore e Rick Evans, obteria a medalha de ouro. Mas os corredores ingleses declararam unanimemente que não queriam aceitar um primeiro lugar que não teriam conseguido, se não fosse aquele incidente. A equipa alemã foi de facto proclamada vencedora;

10. Lemieux, numa competição de vela nos J.O. de Seul (1988), quando seguia em 2º lugar, optou por socorrer Joseph Chang, de Singapura, que corria numa outra regata, atirado borda fora quando a sua embarcação se voltou;



11. A ginasta russa Irina Karavaeva, oito vezes campeã mundial de trampolim, campeã olímpica e europeia, devolveu a medalha de ouro que ganhou nos Mundiais de 2001, na Dinamarca, após admitir que os juízes se equivocaram a seu favor;

12. No jogo Irão - Dinamarca, em 2003, no Torneio de Hong Kong, vencido pelos iranianos por 1-0, os dinamarqueses falharam propositadamente uma grande penalidade considerada injusta, pois ao minuto 45 Jalal Kameli apanhou a bola com as mãos na grande área convencido que o árbitro assinalara o final da primeira parte. A apitadela tinha sido proveniente das bancadas;

13. Arsene Wenger, treinador inglês de futebol, recusou uma vitória obtida de uma forma injusta – embora não ilegal ou anti-regulamentar – em 1999 e propôs a repetição do jogo da Taça de Inglaterra entre o Arsenal e o Sheffield United, o que foi aceite pela Federação do seu país e pela FIFA;

14. Na Alemanha, no corrente ano, aos 25 minutos de jogo entre o Werder Bremen e o Arminia Bielefeld, Miroslav Klose entrou na área dos visitantes e caiu após contacto com o guarda-redes Mathias Hain. O árbitro assinalou *penalty* e preparava-se para expulsar Hain, tendo resolvido consultar o árbitro assistente, o qual se mostrou incapaz de dar uma certeza sobre o lance. O juiz avançou então para Klose, perguntando-lhe se tinha sido *penalty*, ao que o avançado do Werder Bremen respondeu negativamente, decidindo aquele não mandar apontar o castigo máximo.

Em 2002 dois casos ocorreram, em Portugal, no futebol, dignos de registo: no jogo entre o Marítimo e o Varzim, quando o guarda-redes e o defesa central desta última equipa chocaram e caíram, Kennedy optou por não marcar golo e enviar a bola para fora pela linha de fundo; no jogo entre o Sporting e o Benfica, Nelson e Cristiano Ronaldo também chocaram e ficaram caídos no chão, tendo Miguel lançado a bola para fora em vez de fazer o remate à baliza.

Outro caso que merece ser salientado, também ocorrido entre nós há uns anos atrás, em 2001, refere-se ao jogo de iniciados entre a Naval e o Torres Novas, em que o treinador da equipa visitante, Francisco Bragança, teve um comportamento verdadeiramente pedagógico, quando pediu ao árbitro que expulsasse um seu jogador por este ter carregado, com dureza, um atleta da equipa da casa, sem ter sido sancionado pelo árbitro. O Torres Novas acabou o jogo com 10 jogadores e perdeu o encontro por 4-1.

Constatamos assim que, se há situações no desporto que são de lamentar, outras há que são de enaltecer...

Mas se desde o seu início o desporto provoca um fenómeno de identificação – “*de que clube és?*” (alguém é de algum clube?), “*o meu clube...*” (se é meu, foi porque o comprei?), “*nós ganhámos...*” (nós, ou os que estiveram em campo?), “*jogamos em casa*” (então a casa é para jogar?) – essa identificação provocou que a nossa mentalidade não acompanhasse a evolução do desporto amador para o profissionalismo. E continuamos a raciocinar com base no “*amor à camisola*” embora essa realidade já seja inexistente...

Quando Luís Figo se mudou do Barcelona para o Real Madrid (“*para mim o futebol é um negócio*”), muitos adeptos do primeiro – e até alguma imprensa espanhola – agrediram-no verbalmente. Ora, alguém já viu serem chamados nomes a um informático que se tenha mudado da IBM para a Microsoft? Ou a algum corrector que tenha transitado de Wall Street para Tóquio?

Do mesmo modo poderemos levantar a questão em relação a alguns exemplos acima apresentados no futebol: algum jogador é pago através do seu salário para falhar golos?

Imensos são os motivos de reflexão e de discussão em torno do desporto...